

O reconhecimento da Mulher-Aranha

Fabian Piñeyro

Departamento de Letras/UFS

Introdução

Este pequeno ensaio aborda a frondosa problemática da diferença entre literatura e filosofia a partir de dois casos particulares: um tratado filosófico, *A luta pelo reconhecimento*, de Axel Honneth, 1992, e uma narrativa de ficção, *O beijo da Mulher-Aranha*, de Manuel Puig, 1974.

O fato que torna pertinente a comparação é que ambas as obras se encontram estimuladas por uma mesma questão: a influência que o reconhecimento social tem sobre a autoestima dos indivíduos e a medida em que a falta desse reconhecimento individual pode converter-se em motivo de indignação generalizada a ponto de levar uma classe ao confronto direto.

O tema comum

A partir de uma ideia do jovem Hegel, Honneth mostra a história de Ocidente desde a perspectiva da luta pelo reconhecimento. A luta dos grupos, e também a luta individual, estariam determinadas pela indignação que provoca no homem moderno o desprezo de seu projeto pessoal de vida. O homem se indigna, e até se rebela, diante da carência de reconhecimento.

As formas de reconhecimento são três: emotivo, valorativo e jurídico. Dito de maneira muito simples, o primeiro tipo de reconhecimento, o emotivo, seria o reconhecimento que o sujeito usufrui no seio da família e nas suas relações sentimentais. Já as outras duas classes referem-se respectivamente ao reconhecimento da sociedade civil e do Estado.

Honneth mostra que, na sociedade moderna, todo sujeito reivindica ao mesmo tempo a igualdade e a diferença. Todos querem ter os mesmos direitos, serem iguais perante a lei, viver num sistema que garanta igualdade de oportunidades; ao mesmo tempo, todos têm um projeto pessoal de vida que é exposto nas relações sentimentais, sociais ou legais, e todos pretendem que esse projeto seja respeitado na sua diferença.

Um caso exemplar para esta teoria, hoje, é o movimento gay, que reivindica o respeito pelo seu modo de vida diferencial realizando as famosíssimas paradas por um lado e, por outro, luta pela igualdade diante da lei ao exigir o reconhecimento jurídico de seu acasalamento.

Puig narra a história de um guerrilheiro e de um homossexual, que se encontram numa cela. O guerrilheiro, argentino, de princípios dos anos 70, luta pela expansão dos direitos sociais, ou seja, pelo reconhecimento jurídico das classes populares. O homossexual luta por não ter que renunciar à sua identidade sexual para ter uma vida digna, numa época em que a Argentina sofria uma repressão política feroz. Na trama, esses homens se seduzem mutuamente até o ponto em que o macho guerrilheiro faz amor com o homossexual e o homossexual, também por amor, morre pela causa do guerrilheiro logo após sair da prisão.

Aparecem então no enredo, entremeadas como aparecem na vida, as três formas de reconhecimento pensadas por Honneth: o guerrilheiro luta pelo reconhecimento jurídico dos postergados e, por tabela, reconhece o gay como objeto do amor; o gay luta pelo reconhecimento valorativo do seu grupo, seduz como seduz uma mulher e, por tabela, participa de uma operação do movimento guerrilheiro; ao mesmo tempo, ambos se envolvem numa relação de amor, que é a forma por excelência do reconhecimento emotivo.

A exposição diferenciada

Puig é um escritor modernista, o romance de que tratamos não tem narrador e está costurado a partir de discursos de diversas origens. Tem drama; extensas notas de pé de página com comentários sobre textos científicos, onde desfilam autores como Freud e Marcuse; um panfleto do partido nazista alemão dos anos 30; relatórios burocráticos, impessoais; ou seja, é como um *patchwork* discursivo que, em princípio, nada tem a ver com a cuidadosa formalidade do filósofo.

Na obra do filósofo, encontramos as ideias expostas de maneira ordenada cronológica e logicamente. Discute-se com Hegel, Marx e Sartre, nessa ordem, expõe-se a teoria do reconhecimento e calculam-se as consequências futuras desse ponto de vista. O filósofo, Honneth, garante a veracidade de cada frase, de cada palavra dita, por meio da argumentação.

Podemos dizer, então, que a experimentação formal é um recurso mais adequado para a literatura do que para a filosofia. Afinal de contas, as mudanças na literatura envolvem amiúde uma reformulação da forma. E podemos dizer também que essas experimentações formais levam a um outro modo de decifrar o texto.

Já desde o título sabemos de que trata a obra filosófica, logo depois encontraremos, cuidadosamente definida, a palavra chave do texto. O romance, em contrapartida, se chama *O beijo da Mulher-Aranha* e começa assim: “Nota-se que ela tem algo estranho...”. Mas esse elemento anafórico, ela, não remete, em verdade, à mulher do título, mas à Mulher-Pantera; pois o personagem homossexual está contando sua versão do filme *Cat people*, de Jacques Tourneur (1942). Para sabermos o que significa essa Mulher-Aranha do título, vamos ter que esperar muito mais, quase até o final, quando o guerrilheiro se deixar enredar na teia urdida pelo companheiro de cela. E ainda vamos ter que relacionar o jogo de sedução com a teia de aranha para entender a ação que o autor decide colocar no título através de uma metáfora.

Discursos sem conexão aparente, armadilhas que tornam difícil decifrar aquilo que vai ser interpretado, em síntese, um quebra-cabeça proposto para chegar à compreensão do tema, por um lado; um discurso ordenado, inscrito na tradição filosófica, exposta cronologicamente, por outro.

O romance apresenta o tema da maneira como ele se apresenta na vida vivida: a homossexualidade, um lampejo de nazismo, o cinema propaganda, a guerrilha revolucionária latino-americana, todos esses temas aparentemente sem conexão, apresentados por meio de um *patchwork* discursivo, como assinalamos.

O tratado filosófico apresenta o tema de acordo com as pautas de um certo modo de pensar, de entender. Uma ordem já conhecida, que se espera porque repete a formulação, a organização, de tratados anteriores.

O tempo

No seu ensaio “A meia marrom”, Auerbach (2002) chama a atenção para a grande revolução que se produz a partir de autores como Joyce e Virginia Woolf no tratamento do tempo. A partir dessa época, e pela primeira vez na história da literatura, narram-se fatos cuja duração em tempo real é muito menor que o tempo necessário para narrá-las. São, por exemplo, a miríade de impressões que se sucedem na mente de um personagem enquanto anda por uma rua movimentada, súbitas sensações, como a surpresa, que só podem durar alguns segundos na mente do personagem e cuja transcrição ou leitura vai muito além desse tempo. Ao transcrever os devaneios da mente, esses escritores estariam produzindo uma novidade: até esse momento, contavam-se histórias que funcionavam como resumos de uma suposta realidade; agora, ao contar, o fato real se expande.

Dá a impressão de que a literatura, com esses recursos, tenta apreender o lusco-fusco da vida, através da representação dos instantes vividos. E não é difícil enxergar, a partir daqui, que o tempo vivido, o tempo miúdo que podemos medir com relógios, aparece no romance e não no tratado. Assistimos, em *O beijo da Mulher-Aranha*, às vacilações dos personagens, momento em que corrigem o rumo de seu discurso porque não é isso o que querem dizer. Em *A luta pelo reconhecimento*, temos o produto final, não aparecem a cozinha do texto nem, muito menos, a transcrição das vacilações do filósofo.

Temos também que a vida vivida transcorre numa direção, do passado ao futuro, da causa à consequência. A literatura, contudo, deforma essa sequência à vontade. No romance de Puig, sabemos em princípio que há duas pessoas presas, depois sabemos por que estão presas. Na obra filosófica temos uma análise das ideias ordenadas cronologicamente, porque essa parece ser também a ordem lógica. Essa ordem, por outra parte, se inscreve num marco temporal que excede enormemente o tempo que leva uma vida. Honneth trabalha com um marco de ao redor de 600 anos, se é que podemos estabelecer legitimamente esse intervalo de tempo.

O romance, ao contrário, reproduz o tempo de vida, o tempo cotidiano, esse que cada um de nós sente enquanto a vida passa. Menos de um ano na vida de duas pessoas, umas pinceladas sobre o passado. O romance usa o tempo vivido, seus instantes, sua direção.

* * *

Encontramos, portanto, nesta breve observação, duas diferenças:

A primeira é que na narrativa de ficção o assunto aparece após a rearrumação da ordem em que aparecem os fatos, questão que levou os formalistas russos a separar *fábula* e *sujet*, ou Aristóteles a falar em

mito e práxis; aparece depois da decifração das metáforas. O assunto é aqui literalmente um pretexto ou subtexto.

O autor filósofo tende a desdenhar esse jogo de esconde-esconde, que significaria um desvio do objetivo principal que é a apresentação da tese. Procura a objetividade, isto é, a forma como os membros do campo entenderiam melhor o exposto.

A segunda diferença está na forma de relacionamento com o tempo. A filosofia se inscreve num tempo que excede o tempo vivido pelo leitor; o romance, mesmo naqueles que tratam de longos períodos históricos, imiscui-se no tempo do dia-a-dia dos personagens, se inscreve no tempo dos relógios.

Referências bibliográficas

AUERBACH, Erich. *Mímesis*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

HONNETH, Axel. *La lucha por el reconocimiento*. Barcelona: Crítica, 1997.

PUIG, Manuel. *El beso de la mujer araña*. Buenos Aires: Seix Barral, 1995.